



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

VERILENE GOMES BRAGA

**AVALIAÇÃO ESCOLAR:
UM DESAFIO PARA OS DOCENTES**

CAJAZEIRAS - PB

2007

VERILENE GOMES BRAGA

**AVALIAÇÃO ESCOLAR:
UM DESAFIO PARA OS DOCENTES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Gerlaine Belchior Amaral.

CAJAZEIRAS - PB

2007



B813a Braga, Verilene Gomes.
Avaliação escolar: um desafio para os docentes /
Verilene Gomes Braga. - Cajazeiras, 2007.
42f. : il. color.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2007.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Avaliação escolar. 2. Processo avaliativo. 3. Ensino
fundamental. I. Amaral, Maria Gerlaine Belchior. II.
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.26

VERILENE GOMES BRAGA

**Avaliação Escolar:
um desafio para os docentes**

Monografia aprovada em 10 de maio de 2007.


Prof.^ª Ms. Maria Gerlaine Melchior Amaral (orientadora)

Cajazeiras – 2007.

Dedico esta monografia aos meus pais, que me deram a vida e me ensinaram vivê-la com dignidade; que ilminaram os caminhos com afeto e dedicação para que eu os trilhasse sem medo e cheia de esperança; que se doaram inteiros e renunciaram aos seus sonhos, para que, muitas vezes, pudesse realizar o meu, não bastaria um MUITÍSSIMO OBRIGADO. Á vocês que, por natureza, por opção e amor não bastaria dizer que não tenho palavras para agradecer tudo isso, mas é o que acontece agora, quando procuro sofregamente uma forma verbal de exprimir uma emoção ímpar, uma emoção que dificilmente traduziriam.

“AMO VOCÊS”.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que dia-a-dia ilumina toda a humanidade. Senhor, encontrei em ti a paz do meu espírito, alívio e proteção para as minhas angústias, sempre dando forças nas horas difíceis e me ajudando a ultrapassar os obstáculos, apesar das dificuldades. À ti, Senhor, agradeço pela vida e pela luz do entendimento que me conferiste, durante essa caminhada em busca da meta desejada. Obrigado Senhor, por me acompanhar em minha missão acadêmica, com esperança de continuar na profissão que abracei exercendo não com ganância e soberba, mas com coragem e amor.

Aos mestres, pelos dias e noites de incansáveis estudos, esforçando-me a cada desafio proposto, para aprender o que com esforço me ensinavam. À todos que com eficiência e sabedoria souberam transmitir os ensinamentos necessários à profissão. Em especial àqueles que nos momentos de mestres, o mais sincero dos amigos, nos momentos de amigos, o mais leal dos mestres. Depois de tanta convivência, saibam que independente do tempo ou lugar carregarei sempre comigo aquela que foi a tua maior lição. “A lição de vida”.

À profª Gerlaine Belchior, pela disponibilidade, leitura atenta, incansáveis revisões, sugestões e pelas críticas construtivas de encorajamento.

Aos amigos e colegas de profissão, que sentiram a minha ausência e entenderam quando tive que abrir mão dos momentos de descontração porque o estudo me chamava. À todos que sempre torceram por mim e que estiveram sempre dispostos a me ajudar sempre que precisei o meu muito obrigado do fundo do coração. Em especial àqueles que cruzaram o meu caminho, me ajudando incansavelmente, talvez por um tempo, talvez por um dia ou hora, mas dividiram o seu espaço comigo, esses, deixaram um pouco de si e levaram um pouco de mim. À vocês, a minha eterna gratidão.

Aos irmãos e familiares, que sempre torceram por mim e acreditaram na minha capacidade. À vocês que me apoiaram de forma direta ou indiretamente na concretização deste trabalho dando força e coragem para continuar essa longa jornada.

À pessoa que dedico um sentimento ímpar e incondicional, com quem divido meus bons e maus momentos, agradeço pela minha vitória, porque mesmo não aceitando a minha ausência quando o dever e o estudo me chamavam, fez com que eu descobrisse o quanto sou guerreira e persistente com os meus objetivos.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

Modificar a prática não significa abandonar de vez tudo aquilo que já faz parte da cultura escolar. Novas práticas não se instalam de um momento para outro. Muitas vezes o professor pensa mais adiante, mas ainda repete em sala de aula o que viveu como aluno. A discussão com os colegas ajuda a acertar o passo e a dose.

(Raízes)

Excluem-se da escola os que não conseguem aprender, excluem-se do mercado de trabalho os que não tem capacidade técnica porque antes não aprenderam a ler, escrever e contar e excluem-se, finalmente, do exercício da cidadania esses mesmos cidadãos, porque não conhecem os valores morais e políticos que fundam a vida de uma sociedade livre, democrática e participativa.

(Vicente Barreto)

RESUMO

A presente investigação tem como objetivo principal discutir com professores do Ensino Fundamental, novas alternativas de avaliação, que torne o aluno, não objeto, mas sujeito do processo avaliativo. Adotei como metodologia a pesquisa exploratória, partindo de um levantamento bibliográfico tomando como base autores renomados como Cipriano Luckesi, Jussara Hoffmann, Maria Celina Melchior, Celso Vasconcellos e Pedro Demo entre outros, que permitiu um maior aprofundamento da temática. Adotei como instrumento de coleta de dados o questionário que favoreceu uma visão do que pensam os professores e quais os principais problemas vivenciados, esse trabalho de aplicação e análise do questionário juntamente com as observações, norteou o planejamento do próximo passo da pesquisa prevendo possíveis intervenções. Passei a realizar sessões de estudo com os envolvidos debatendo sobre o tema avaliação, procurando desenvolver novas estratégias que possam melhorar as práticas avaliativas que são aplicadas pelo corpo docente e toda a comunidade escolar, pois é essa a razão principal dessa pesquisa, apontar possíveis soluções aos problemas existentes. Diante desse estudo, torna-se evidente a necessidade de se investir cada vez mais na formação dos docentes e também de toda a equipe pedagógica para que juntos possamos ser conhecedores das mudanças que ocorrem no tocante à educação e todo o processo pedagógico que a fomenta. É necessário que sejamos conhecedores conscientes e críticos para que possamos colaborar para a formação de sujeitos capazes de fazer a diferença dentro de uma sociedade.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
1. Avaliação Escolar: questões introdutórias.....	06
1.1. A função social da escola e a função social da avaliação.....	07
1.2 O que é avaliação.....	10
2. Tipos de avaliação.....	14
2.1 Abordagem quantitativa e qualitativa.....	16
2.2 O erro como aliado no processo ensino-aprendizagem.....	18
2.3 Avaliar, avalia realmente?.....	19
2.4 Avaliação diagnóstica ou participativa e classificatória.....	21
3. Refletindo sobre a prática avaliativa em sala de aula.....	26
3.1 Caracterização da escola campo de Estágio.....	30
3.2 Análise dos dados.....	31
Considerações finais.....	36
Importância do Estágio Supervisionado e da elaboração da Monografia para minha formação profissional	
Referências.....	40
Anexos.....	42

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho de conclusão do curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras. O referido trabalho tem como tema **AVALIAÇÃO ESCOLAR: um desafio para os docentes.**

Esta pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Enoque Mendonça de Sousa, situada no sítio Pedreiras, município de Monte Horebe onde leciono. A pesquisa de que trata essa monografia foi realizada de fevereiro de 2006 a abril de 2007.

O trabalho proposto tem como objetivo: discutir com professores novas alternativas de avaliação, que torne o aluno, não objeto, mas sujeito do processo avaliativo; além de reconhecer os níveis de aprendizagem apresentados por cada aluno, respeitando os seus limites; e ainda, desenvolver métodos e técnicas de avaliação que possibilitem a aprendizagem; bem como, analisar as formas usadas pelos professores para avaliar seus alunos. Além desses objetivos, intencionamos ainda, refletir sobre a relação existente entre as formas de avaliação e a qualidade do ensino.

Os critérios e procedimentos de avaliação serão analisados através de estudos, debates e observações. Uma vez que a partir desses critérios é que vão surgir decisões quanto ao prosseguimento do processo ensino-aprendizagem. É preciso rever e compreender os pressupostos teóricos-metodológicos dos diferentes modelos de avaliação com a finalidade de encontrar subsídios para melhor entendimento do processo ensino-aprendizagem. Para tanto, as informações conseguidas nortearão o planejamento e suas intervenções, que podem exigir maneiras diversificadas de atendimento e mudanças na rotina diária da sala de aula.

Este estudo tem caráter exploratório. Segundo Gonçalves (2001:65),

A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com o objetivo de esclarecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema.

Além de ser também uma pesquisa-ação (é a pesquisa em que o pesquisador age diretamente sobre o objeto pesquisado). Para Matos e Vieira (2002: 48),

A pesquisa-ação além da participação do pesquisador, pressupõe uma ação planejada que deverá realizar-se no decorrer da sua realização. Há por parte dos pesquisadores o interesse de não apenas verificar algo, mas de transformar. Nesse sentido, precisa haver uma interação entre pesquisadores e pessoas investigadas. O processo de pesquisa é realizado com avaliações e discussões no grupo tanto para redirecionar os planos, quanto para partilhar o conhecimento.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados partirão da aplicação de questionários e realização de entrevistas, além da minha auto-observação em sala de aula como docente. Diante de consultas feitas aos segmentos citados parte-se para um estudo de textos bibliográficos que tratem das diversas formas de avaliação e suas conseqüências. A pesquisa bibliográfica servirá de base para aprofundar e enriquecer o referencial teórico reunindo orientações de vários autores que tratem dessa temática na qual me fundamentarei para realizar essa monografia.

Considerando que este tema aborda assunto muito relevante e muito discutido não só nas escolas, mas no nosso cotidiano, surge então, o interesse em obter mais informações para aprofundar os nossos conhecimentos e ações sobre a prática avaliativa. Antes, havia apenas preocupação com o ensinar e não com o aprender, mas com a divulgação das teorias de vários pesquisadores no meio educacional, o papel do professor deixou de ser o de mero transmissor de conhecimentos para ser o de mediador, facilitador do conhecimento. É tarefa do educador promover situações didáticas que garantam a aprendizagem efetiva.

A aprendizagem é um processo através do qual o homem adquire conhecimentos que o acompanha ao longo de sua vida, que por sua vez não é um processo estável por está em constante desenvolvimento. A qualidade da avaliação revela a qualidade da escola, já que uma avaliação voltada para a aprendizagem constitui um trabalho capaz de fazer a escola ir além de seus muros e criar pontos entre os conteúdos estudados e o meio em que vive.

Assim sendo, este trabalho surge com a necessidade de ter conhecimento sobre como ocorre a avaliação nas séries iniciais, ou seja, de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. A avaliação é um

instrumento fundamental para fornecer informações sobre como está se realizando o processo ensino-aprendizagem como um todo, isto é, tanto para o professor como para a equipe escolar conhecer e analisar os resultados do seu trabalho. É sabido que a avaliação é um problema existente que aflige além de professores, os alunos e por isso surge a preocupação em descobrir novos caminhos para melhor entender e trabalhar com a avaliação. A compreensão dos meios avaliativos podem facilitar e ampliar o conhecimento ao invés de bloquear e delimitar o aluno ao estudo só para obtenção de uma nota.

A avaliação não deve ser vista apenas como fator de identificação do nível de desenvolvimento do aprendiz, mas com a finalidade de identificar as dificuldades para que possam ser trabalhadas a partir daí (dos erros, dúvidas, incertezas etc.), deve ser feita não visando apenas uma nota, aprovar ou reprovar, promover ou selecionar o aluno, mas usar para diagnosticar o problema com o intuito de melhorar a aprendizagem fazendo uma relação entre o que o aluno aprendeu o que deixou a desejar e também se o que foi ensinado pelo professor foi realmente internalizado ou não da forma como foi planejado a priori, por ele.

É importante a formação do professor, para que ele possa desenvolver sua prática pedagógica com eficácia e no que se refere à avaliação deve haver uma conscientização em massa sobre a necessidade de realizá-la como objeto norteador dos fatores que possibilitam ou não o sucesso do aprendiz. Na perspectiva tradicional, a avaliação consiste em atribuir notas ou conceitos aos alunos de modo a classificá-los. Diante dessa concepção, diríamos que a avaliação consiste em um instrumento de discriminação e de controle social, pois se trata de uma forma de julgar o fracasso ou o sucesso do aprendiz. Na visão construtivista, porém, a avaliação é uma ferramenta da qual o professor dispõe para refletir sobre sua prática pedagógica. Dessa forma, a avaliação deve ocorrer continuamente, como parte integrante e intrínseca do processo de ensino e aprendizagem, e não após o fechamento de etapas do trabalho, como tradicionalmente acontece. Além do mais, ela não incide somente sobre o aluno, mas também sobre o professor. Isso quer dizer que, quando se avalia a aprendizagem dos alunos, a prática de ensino também está sendo avaliada.

A avaliação é útil não apenas para fornecer subsídios ao professor, mas também ao aluno, uma vez que, por meio dela, o aprendiz tem a oportunidade de conscientizar-se sobre os conteúdos que aprendeu e aqueles que ainda precisam dominar. Contudo, ao revelar ao aprendiz seus erros e suas dificuldades, o professor deve ter o cuidado de não fazê-lo de uma maneira que não desvalorize o desempenho do aluno. Apontar o erro ou a deficiência é algo que deve ser entendido como mais uma oportunidade de aprendizagem. Contudo, será que os instrumentos avaliativos utilizados pelos professores constituem um entrave à aprendizagem do aluno? Sabendo que o momento de avaliar é sem dúvida muito complexo, como avaliar o aluno quanto ao processo ensino aprendizagem? O que os professores avaliam são os acertos ou os erros? Os professores usam a avaliação como subsídio ou avaliam para seguir o sistema educacional? É realmente preocupação dos professores mudarem sua forma de avaliar?

Diante da problemática criada pela forma de como avaliar é que nos propomos estudar e levar uma nova proposta de avaliação ao corpo docente e discente. Para isso faz-se necessário saber que proposta de avaliação está inserida na proposta pedagógica da escola e se os elementos envolvidos (professores, direção, alunos e comunidade) estão dispostos a estudar uma nova maneira de avaliação.

A avaliação contida na proposta pedagógica poderá constituir uma problemática para o aluno, haja vista, ter sido a mesma durante muito tempo instrumento de medição, de classificação. Serão muitos os debates que acontecerão envolvendo as novas teorias da avaliação, que sem dúvida enriquecerão o conhecimento de professores e alunos, enfim, toda a comunidade escolar.

Esta monografia se dividirá em três capítulos. No primeiro capítulo, será abordado o embasamento teórico sobre a temática em questão, reunindo orientações de vários autores renomados dos quais podemos destacar: Luckesi, Jussara Hoffmann, Demo e Melchior entre outros. Cada autor com sua concepção contribuiu de forma significativa na fundamentação e relevância desse trabalho. No segundo capítulo, iremos falar da avaliação como um todo, ou seja, os tipos, as funções, a importância do erro, o julgamento, enfim, como aplicá-la e que passos devem ser seguidos para se obter um resultado satisfatório e, finalmente no terceiro capítulo será

relatado a prática avaliativa desenvolvida em sala de aula, como é (era) aplicada e o que mudou (ou mudará) na prática avaliativa a partir da realização deste trabalho.

1. AVALIAÇÃO ESCOLAR: QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

As funções da avaliação são potencialmente duas: o diagnóstico e a classificação. Da primeira, supõe-se que permita ao professor e ao aluno detectar os pontos fracos deste e extrair as conseqüências pertinentes sobre onde colocar posteriormente a ênfase no ensino e na aprendizagem. A segunda tem por feito hierarquizar e classificar os alunos. A escola prega em parte a avaliação com base na primeira função, mas a entrega fundamentalmente para a segunda.

Mariano Enguita

Geralmente alunos e professores conhecem as regras do convívio escolar, mas pouco compreendem a sua natureza, o modo e as razões pelas quais foram estabelecidas. Apesar de tanta modernidade e evolução na educação, é sabido que a maioria das escolas e professores tem como modelo uma pedagogia tradicional onde se faz necessário destacar uma temática bastante complexa, a avaliação que é um assunto muito discutido tanto nas escolas quanto em nossas vidas, pois a cada momento estamos sendo avaliados. O ato de avaliar faz parte da história do ser humano, pois o desejo de transformar sonhos em realidade objetiva é uma preocupação marcante de toda pessoa. É impossível enumerar todos os tipos e níveis de avaliação necessárias à atividade humana, sobretudo, porque, sendo a pessoa humana conduzida por sua racionalidade a realizar algum tipo de avaliação está sempre ensaiando processos para transformar suas idéias em realidade.

Na história da avaliação educacional são dois os principais focos de interesse no que diz respeito à avaliação da aprendizagem que também é conhecida como medida e avaliação do rendimento escolar, alunos e professores ganham destaque por estarem diretamente envolvidos na prática avaliativa. São vários os modelos que norteiam a avaliação, sendo que cada um desses modelos se fundamenta em fatos que lhe dão suporte para defender a sua relevância.

No início do século a avaliação servia de instrumento de medida para as mudanças do comportamento humano. Com o passar do tempo os testes e medidas educacionais foram ganhando espaço e mais importância tornando-se assim testes padronizados de mensuração para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. A avaliação passou a ser usada para registrar informações no que se refere ao desempenho dos alunos, ou seja, a partir daí a avaliação passa a

ser concebida com objetivos pré-definidos pelo sistema de ensino, a fim de verificar se o processo ensino-aprendizagem está tendo êxito com os resultados alcançados.

O objetivo do ensino de qualquer disciplina é sempre ultrapassar a mera memorização de informações. Avaliamos o êxito de qualquer ensino não pela capacidade de reprodução que o aluno tem do que lhe foi apresentado como informações, mas pela sua capacidade de construir soluções próprias a novos problemas. A maior parte das provas e instrumentos da avaliação que usamos centram-se fundamentalmente na busca de informações, como se nosso saber fosse redutível a um saber exclusivamente proposicional. É evidente que em toda capacidade, em todo saber fazer, partimos de certas proposições, de certas informações, sem as quais a resolução de um novo problema é praticamente impossível.

1.1. A função social da escola e a função social da avaliação

A sociedade exige a escolarização de todos os cidadãos, em contrapartida, para que todo cidadão possa usufruir todos os bens construídos por essa sociedade necessita da escolarização. Numa perspectiva de construção de cidadania, a escola precisa assumir e valorizar tanto a cultura da comunidade como outras culturas de diferentes grupos sociais assumindo assim uma postura de acessibilidade ao saber. Os conhecimentos transmitidos e recriados na escola ganham sentido quando seguem uma construção dinâmica de constante interação entre o saber escolar e os demais saberes, ou seja, é um processo permanente de aquisição entre o que o aluno aprende na escola e o que ele traz para a escola, os fatores políticos, sociais, culturais e psicológicos podem interferir de forma direta nesse processo já que um ensino de qualidade busca formar cidadãos críticos capazes de intervir na realidade com o intuito de transformá-la.

A maneira como uma escola avalia é o reflexo da educação que valoriza; e sabemos que a maioria dos professores usam uma pedagogia tradicional refletida através da sua avaliação, que por sua vez, é somativa, considerando o aluno objeto e o professor sujeito, mas sabemos que no processo de aprendizagem o aluno deve ser visto como maior responsável na aprendizagem dos alunos, e para que isso aconteça é necessário que ele pense sua prática de sala de aula, pois está ultrapassada e caiu numa rotina, com isso, chegaremos a escola cidadã que queremos. Boa escola

não é a que ensina coisas, mas a que permite a superação de cada um permitindo ao educando “criticizar” suas perguntas e questões, como dizia Paulo Freire.

A escola opera com o princípio de que o problema está nos alunos e de que somente eles próprios poderão resolvê-los, ou seja, dessa forma a escola faz com que o aluno assuma toda culpa pelo seu fracasso, mas é sabido também que há uma enorme dificuldade da escola em inserir determinados alunos no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, surge a necessidade da escola redefinir suas concepções de aprendizagem. O desconhecimento e a falta de compreensão dos educadores acerca de estudos atuais sobre o fracasso escolar demonstram a que distância nossas escolas estão da realidade de seus alunos. A escola deve trabalhar a avaliação fazendo com que ela possibilite o crescimento da criança como indivíduo integrante da sociedade, formando assim, um ser social e político.

Em uma concepção tradicional (que prepara o aluno principalmente para o mercado de trabalho) a aprendizagem do aluno é resultado do seu próprio desempenho, o aluno é o único responsável por sua aprendizagem, são considerados os erros e os acertos, dessa forma a avaliação torna-se então classificatória, na qual há um julgamento de quem aprendeu e quem não aprendeu e é através do resultado da avaliação que os alunos são recompensados ou castigados. A avaliação é utilizada pelo professor como um controle, na verdade é usada contra o aluno de forma ameaçadora e repreendedora. Ao se aplicar uma prova o que está sendo analisado é apenas o momento, não importando assim o conhecimento do aluno independente do momento da prova e é dessa forma que se classifica o aluno como aprovado ou reprovado, aprendeu ou não aprendeu, contudo, isso acaba excluindo o aluno do seu processo de aprendizagem. Na visão tradicional o foco central da avaliação é o controle sobre o aluno mediante notas ou conceitos.

Em uma visão dialética (onde a avaliação parte do que já existe, do conhecimento prévio para a ampliação e/ou construção do mesmo) a avaliação é vista como um processo no qual a sua função é diagnosticar o sucesso e o insucesso do aluno (detectar o problema) para que a partir desse insucesso possa encontrar novas estratégias para se obter os resultados desejados que é na verdade o conhecimento. Nesse sentido, são função e responsabilidade das instituições aprimorarem a qualidade de ensino melhorando assim, o processo ensino-aprendizagem. O

professor deve utilizar a avaliação com o objetivo de diagnosticar, acolher e incluir o educando no processo de aprendizagem, interagindo também as experiências de vida do aluno.

Nessa perspectiva, o professor também precisa agir de forma observadora no sentido de conhecer a realidade do seu aluno, a avaliação não precisa ser por observação direta e individual, mas por instrumentos como teste, questionário, redação, participação em uma tarefa, diálogo e quem não tiver um desempenho satisfatório do ponto de vista do professor o acompanhamento deve ser mais de perto. Seguindo o pensamento de Luckesi o uso de notas e conceitos servem de subsídio para uma avaliação formativa se estes registros tiverem o objetivo de observar o processo de aprendizagem cada aluno e sua conseqüente reorientação. Mas, se não forem usados dessa forma apenas servirão para classificar o estudante. E com o professor avaliando, reavaliando e se auto-avaliando que vai proporcionar ao aluno uma reflexão sobre o seu aprendizado.

A avaliação é um processo e por isso não deve ser aplicada de forma fragmentada, mas contextualizada nos processos de ensino e de aprendizagem, os elementos envolvidos na avaliação ao mesmo tempo que estão avaliando também devem ser avaliados para que possa haver reflexão sobre a prática, em outras palavras, é preciso refletir sobre o que e como se avalia, é preciso saber se está havendo compreensão, afinal, a avaliação é um instrumento que informa ao professor e ao próprio aluno, se está tendo êxito na sua atuação e onde e como poderá ser ajustada, direcionada ou redirecionada.

Para os educadores transformadores, mais importante do que estabelecer objetivos prévios, é estabelecer um processo de reflexão e formulação coletiva com os demais membros da comunidade escolar, especialmente com os alunos; mais importante do que o exame dos resultados é analisar com os alunos o desempenho de cada um, comentando-os, mas é preciso ter cautela, pois não se trata da exposição humilhante dos erros cometidos, mas fazer da discussão um verdadeiro círculo de avaliação das diversas respostas dadas e o porquê de terem sido dadas dessa forma e não de outra. Assim, a análise dos resultados de qualquer avaliação se transforma num momento importante de revisão de todo o planejamento do trabalho previsto e executado até o momento; mais importante do que constatar resultados é tomar decisões a respeito do que deverá ser feito a seguir.

O papel da avaliação é dar oportunidade ao aluno de mostrar que adquiriu novos conhecimentos e não taxá-lo de incompetente ou incapaz. No entanto, sabemos que para haver um bom desenvolvimento e um bom resultado no processo ensino-aprendizagem é necessário que o aluno seja o sujeito que precisa ser trabalhado para se desenvolver intelectualmente e o professor por sua vez passe a ser visto como mediador no desenvolvimento cognitivo. A avaliação não deve se resumir a realização de provas e atribuição de notas como também não deve ser usada como arma para amedrontar o aluno, e sim, deve servir de instrumento de melhoria não só na aprendizagem, mas em todo o processo educativo.

1.2 O que é avaliação

Para tornar a avaliação um instrumento mediado o professor deve transformar esse ato avaliativo em um processo de construção de conhecimento passando a intervir com o intuito de favorecer ao aluno oportunidades de reflexão. A avaliação deve ser uma ação desafiadora que requer uma reciprocidade intelectual entre professor e aluno, deve servir como instrumento que ajuda construir e produzir o conhecimento, no processo, o professor deve agir e levar em consideração os erros com a intenção de ajudar fazendo com que o aluno passe a refletir sobre os erros e a partir daí transformá-los em acertos, construindo assim seu aprendizado. O teste não deve ser usado pelo professor para testar o conhecimento do aluno e assim atribuir a ele uma nota, porque o objetivo do teste é acompanhar o desenvolvimento cognitivo do aluno, esse acompanhamento ajudará no processo de construção do conhecimento.

Nem tudo pode ser medido para se obter um resultado e o conhecimento do aluno é uma delas, pois a aprendizagem não pode ser medida através de notas, medir é estabelecer valores para determinar situação a nota 0 (zero) a 10 (dez), por exemplo, é uma medida, ou seja, medida é algo que serve de referência para determinado julgamento. Avaliar é fazer um diagnóstico levando em consideração o que se aprendeu e o que se pretende ensinar, é estabelecer um resultado a partir de valores. Na verdade medir e avaliar são dois momentos que andam juntos para o desenvolvimento de um processo de registro do ensino-aprendizagem. O momento de medida enfoca os aspectos quantitativos enquanto que o momento avaliativo enfoca os aspectos quantitativos mais os aspectos qualitativos. Para Vasconcellos (2003:116), *o quantitativo não é*

um mal em si, até porque, na perspectiva dialética, não existe qualidade sem quantidade (e vice-versa): qualidade e quantidade são dois atributos inalienáveis da realidade.

Em uma visão tradicional uma preocupação básica a respeito da avaliação é descobrir uma fórmula que possa medir com precisão a quantidade de conhecimento acumulado pelo aluno, mas as próprias formas pelas quais se exerce o controle sobre o que se aprendeu inibem, distorcem a aprendizagem. Conforme os costumes escolares, se estuda em primeiro lugar em função do exame, das questões que podem cair no exame, ao invés de valorizar e se dedicar aos conteúdos que se deve aprender. Nesse contexto, o exame será importante se o conteúdo das perguntas for importante.

Os fins que a educação persegue são um referencial permanente que deve orientar a prática para que esta possa atuar de forma crítica e criativa sobre o aluno para que este cresça como pessoa que viveu a experiência do pensamento crítico e autônomo.

Nessa perspectiva, convém esclarecer alguns conceitos de avaliação seguindo desde uma perspectiva tradicional até uma visão construtivista:

a) Na perspectiva tradicional (positivista)

- Avaliação é o processo de atribuição de símbolos a fenômenos com o objetivo de caracterizar o valor do fenômeno, geralmente com referência a algum padrão de natureza social, cultural ou científica. (Bradfield & Moredock apud Romão, 2003:56).

- Avaliar é julgar ou fazer a apreciação de alguém ou alguma coisa, tendo como base uma escala de valores [ou] interpretar dados quantitativo de valor, tendo por base padrões ou critérios. (Haydt apud Romão, 2003:56).

- A avaliação consiste em atribuir notas ou conceitos aos alunos, de modo a classificá-los. Portanto, diríamos que a avaliação é um instrumento de discriminação e de controle social, pois trata-se de uma forma de julgar o fracasso ou o sucesso do aprendiz. (Cavéquia, 2001:19).

Seguindo uma corrente tradicional a avaliação aplicada decorre basicamente de uma avaliação classificatória e excludente que está voltada para a aquisição de uma nota através de provas e

testes. A avaliação assim aplicada, de fato, tem, servido para controlar o comportamento dos alunos, serve para dizer quem está apto ou não está apto.

b) Na visão construtivista (dialética)

- *A avaliação é um juízo de qualidade sobre dados relevantes para uma tomada de decisão. (Luckesi apud Romão, 2003:57).*

- *Avaliar a aprendizagem, portanto, implica avaliar o ensino oferecido – se, por exemplo, não há a aprendizagem esperada significa que o ensino não cumpriu com sua finalidade: a de fazer aprender. (PCN – Introdução, p.84).*

- *A avaliação é um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes. (Libâneo, 1994:196).*

Na visão dialética a avaliação é vista como um processo na qual a sua função é diagnosticar o sucesso e o insucesso do aluno para que a partir desse insucesso possa encontrar novas estratégias para se obter o resultado desejado que é na verdade, o conhecimento. Nesse sentido, é função e responsabilidade das instituições aprimorar a qualidade de ensino melhorando, assim, o processo ensino-aprendizagem.

Avaliar não é uma tarefa simples e exige domínio de conhecimentos, é preciso que os professores tenham uma preparação antes de aplicá-la, pois esta requer algumas técnicas além de experiências com o processo avaliativo. A avaliação é uma responsabilidade do professor, mas esta não é uma função exclusiva dele, é importante a auto-avaliação, pois sendo esta uma forma de desenvolvimento crítico possibilita ao aprendiz desenvolver estratégias de análise e interpretação favorecendo assim a construção da autonomia já que a avaliação é processo de indagação e de reflexão que deve servir para dar segmento aos objetivos e não ser ponto final para se delimitar dados passados. A avaliação só tem sentido se for planejada em prol do aprendizado do aluno, assegurando um acompanhamento mediante as devidas correções fazendo com que os erros e as dificuldades sejam transformados em conhecimento.

A avaliação inicial ou diagnóstica tem como função diagnosticar os conhecimentos prévios, anteriores ao que a escola se propõe a oferecer, avaliando as hipóteses, as definições de conhecimentos que dizem respeito ao novo conteúdo, são propostos problemas que estimulem os alunos a usar os seus conhecimentos, esse tipo de avaliação deve ser realizada sempre que se inicie uma nova etapa de aprendizagem.

A avaliação formativa ou de processo tem como função fornecer informações sobre o desempenho dos alunos e sobre a adequação das atividades durante todo o processo ensino-aprendizagem, esse tipo de avaliação possibilitará melhorias no desenvolvimento cognitivo do aluno; essa avaliação é muito mais adequada ao dia-a-dia da sala de aula já que tem como propósito atender as necessidades do aluno durante o processo de aprendizagem, ela não propõe dar nota, mas dar segmento aos percursos de aprendizagem.

A avaliação somativa ou de resultados tem como função informar se os objetivos traçados a priori foram alcançados e se houve domínio dos conteúdos trabalhados, avalia-se as produções, as interpretações e as atitudes dos alunos diante dos conteúdos trabalhados durante o ciclo ou período, a realização desse tipo de avaliação deve ser feita no final de uma etapa de aprendizagem, esse é o melhor jeito de listar os alunos pela quantidade de conhecimentos que eles dominam – como no caso do vestibular e de outros concursos.

A avaliação inicial, a somativa e a formativa não devem ser excludentes, mas complementares já que as informações obtidas através desses tipos de avaliação possibilitam o ajuste e acompanhamento na aprendizagem do educando como também na desenvoltura do educador no que se refere ao processo ensino-aprendizagem. Deve-se, portanto, avaliar com o intuito de utilizar as informações obtidas por meio do ensino e acompanhamento como instrumento de reflexão sobre a prática e os procedimentos que envolvem a avaliação.

A avaliação emancipatória surge com o intuito de libertar o sujeito, tornando-o assim crítico e determinado, a avaliação é dialógica com uso de entrevistas, debates e observação participante, onde o observador pode atuar em alguns momentos abordando principalmente os dados

qualitativos, mas sem desprezar os quantitativos, a função do educador é coordenar os trabalhos avaliativos promovendo situações que possibilitem o diálogo.

Por tudo que foi comentado sobre avaliação, vale a pena ressaltar o que diz Vasconcellos (2003:62),

Por não haver uma forma perfeita de avaliação, há necessidade de alimentarmos uma atitude ao mesmo tempo de humildade e de ousadia: não ter medo de fazer, não deixar de avaliar, de criar dispositivos avaliativos que favoreçam a efetiva aprendizagem, e estar aberto à crítica, ter presente que qualquer prática de avaliação é sempre uma aproximação, o que demanda diálogo autêntico.

Nesse contexto, o professor deixa de ser aquele que passa informações e passa a ser um parceiro dos alunos, preparando todos, para que elaborem seu conhecimento, devem ser aplicadas atividades interativas em que existam o diálogo, a troca entre os alunos, a participação e a cooperação, essas atividades devem valorizar a diversificação já que os estudantes possuem ritmos e processo de aprendizagem diferentes. Desenvolvendo novas estratégias para melhorar as práticas avaliativas que são aplicadas pelo corpo docente e toda a comunidade escolar, a avaliação deixará de ter caráter competitivo, seletivo e até discriminatório e passará a ocorrer continuamente, como parte integrante e intrínseca do processo de ensino-aprendizagem, pois não adianta ser construtivista na hora de ensinar e ser tradicional na hora de avaliar, é preciso que o professor mude, não só a prática, mas sua postura como um todo, para que ao avaliar o seu aluno o professor também possa se avaliar.

2. TIPOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação pode ser um poderoso instrumento de mudança, colocando-se a serviço da autêntica aprendizagem e do desenvolvimento mais pleno do ser humano.

Celso Vasconcellos

Levando em consideração que a avaliação é um problema existente que aflige tanto professores quanto alunos, surge a preocupação em descobrir novos caminhos para melhor entender e trabalhar com a avaliação, já que muitas escolas brasileiras deixam de cumprir sua função social,

cultivando a pedagogia da repetência até eliminar o aluno de sua sala de aula, através de uma avaliação de caráter competitivo, seletivo e até discriminatório.

Uma avaliação centrada na perspectiva social busca alternativas para formar o cidadão capaz de atuar na sociedade com dignidade e competência. Sendo que, para o aluno desenvolver suas competências torna-se necessário uma parceria de professor e aluno no processo de avaliação, sendo julgado não apenas o grau de aprendizagem alcançado pelo aluno, mas também de auto-questionamento. É preciso rever e compreender os pressupostos teórico-metodológicos dos diferentes modelos da avaliação com a finalidade de encontrar subsídios para melhor entendimento do processo ensino-aprendizagem.

A compreensão dos meios avaliativos podem facilitar e ampliar o conhecimento ao invés de bloquear e delimitar o aluno ao estudo só para obtenção de uma nota, já que nota é apenas simbólica e não mede conhecimento. Para superar os obstáculos da avaliação o professor deve assumir o papel de pesquisador de seus alunos: analisando os trabalhos realizados, conversando com os alunos sobre eles e certamente durante a conversa obterá informações importantes a respeito de suas produções. A avaliação assim entendida, não será uma etapa isolada, porque faz parte do processo ensino-aprendizagem. Não é a última etapa do ensino, é um processo freqüente e contínuo que se realiza em todos os momentos da ação educativa. A partir desse entendimento, reconhecemos que no processo avaliativo o professor precisa necessariamente problematizar as situações do cotidiano, refletir passo a passo sobre suas ações e as manifestações dos alunos. Isso significa dizer que a avaliação é uma conclusão valorativa a que se chega através da análise de instrumentos elaborados com bases em critérios preestabelecidos, adequados à realidade do aluno e aos objetivos previstos que nos leva a tomar decisões em relação ao processo ensino-aprendizagem.

A melhoria da qualidade de ensino em todas as dimensões é constituída de um desafio constante para aqueles que têm se preocupado com esta busca. As mudanças de métodos e técnicas e seqüências curriculares traz por vezes entraves na avaliação, pois nem sempre é vista a questão da afetividade como instrumento de medida. Tendo em vista todas as dificuldades no processo avaliativo fica explícito a necessidade da atuação criativa do professor que deve promover

situações rotineiras na sala de aula para o aperfeiçoamento e conscientização de que se é preciso avaliar, mas com o intuito de acompanhar os avanços e as dificuldades de cada um e, não visando uma simples obtenção de nota. Seria um dever do estabelecimento de ensino fazer com que a avaliação deixe de ser classificatória e passe a ser um processo contínuo de diagnóstico das dificuldades enfrentadas por todos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aprovada em 1996, determina que a avaliação seja contínua e cumulativa e que os aspectos qualitativos prevaleçam sobre os quantitativos.

2.1 Abordagem quantitativa e qualitativa

A abordagem quantitativa é criticada com base em alternativas qualitativas para a avaliação educacional. A abordagem quantitativa está ancorada em pressupostos éticos, epistemológicos e metodológicos que expressam forte influência do rigor positivista. Esse modelo de avaliação quantitativa considera a educação como um processo tecnicista preocupando-se em comprovar se os objetivos alcançados foram atingidos no mesmo grau em que foram previamente estabelecidos. Este tipo de avaliação não leva em consideração os interesses e necessidades informativos dos indivíduos que fazem parte do programa educacional.

A avaliação quantitativa se caracteriza por se manter fiel à validade dos instrumentos de coleta e análise de dados; a ênfase maior se concentra praticamente numa única etapa, o resultado final; apresenta um teor tecnicista simulando condições de laboratório tornando assim o ambiente escolar em um ambiente artificial. São de pouca ou nenhuma relevância os efeitos locais e os poucos usuais já que o significado dos dados não é o centro das preocupações avaliativas quantitativas.

Assim como a avaliação somativa, a quantitativa visa mais a nota e esta por sua vez não comprova a aprendizagem, como já foi citado anteriormente a avaliação deve agir na escola como uma aliada dos professores e uma amiga dos alunos, sendo usada para diagnosticar os erros e os acertos, onde estes, deverão passar por uma fase de orientação para um melhor desenvolvimento na aprendizagem. A avaliação quantitativa nos passa uma falsa visão de rendimento do aluno, pois ao ser avaliado ele não transmite seus conhecimentos, ao contrário, reproduz mecanicamente o que foi transmitido em sala de aula.

Os equívocos mais comuns cometidos pelos professores são decorrentes da imprecisão da terminologia dos termos usados como práticas avaliativas, pois usam a “medida” como se fosse possível a mensuração dos conhecimentos dos alunos atribuindo notas como definição da quantidade de conhecimentos; o “conceito” na maioria das vezes é usado somente para substituição de um número (nota) e não como deveria, pois na realidade os conceitos não devem servir para rotular com precisão o que as notas fazem; os “testes” por sua vez são usados para comprovar se o aluno está aprendendo ou não e, na verdade os testes devem guiar os professores e alunos para um melhor desempenho no processo ensino-aprendizagem.

A avaliação qualitativa é resultado do reconhecimento da imprecisão e das lacunas deixadas pelos testes padronizados de rendimento que não oferecem todas as informações necessárias ao processo de formação, portanto, não compreendendo o que os professores ensinam e o que os alunos aprendem. Este modelo de avaliação tem como características o empreendimento humano intencional e tentativo que está sujeito a limitações e erros; a objetividade científica não é vista como prioritária, pois assim como na avaliação o objetivo central é sempre relativo; os efeitos secundários e o longo prazo são relevantes à formação do indivíduo; os campos de aprendizagem são amplos não se restringindo apenas ao ambiente escolar; os sucessos são registrados acompanhando o processo de evolução dos mesmos; a metodologia é diversificada para atender aos acontecimentos imprevistos, à mudança e ao progresso, enfim, a avaliação qualitativa busca compreender, considerar interpretações e desejos daqueles que nela atuam com o propósito de oferecer para cada um as informações necessárias para o seu desenvolvimento.

Na avaliação qualitativa existe a subjetividade de cada um e é a partir disso, observando o desenvolvimento do censo crítico e prático do aluno e a capacidade de criar e recriar que o aluno pode se destacar pelo seu potencial. Aqueles que pensam a avaliação a partir do interesse técnico, elaboram suas avaliações com questões objetivas, com respostas fechadas e esquecem que a avaliação só será importante se o conteúdo das perguntas forem importantes “...o processo de avaliação não diz respeito apenas ao ensino e nem pode ser reduzido apenas à técnicas”. (Demo 1987: 7).

Os professores e os profissionais da educação estão na mesma lógica de fracasso de seus alunos: fracassaram por não compreenderem o que ocorre em sala de aula, são professores que buscam a cada dia ensinar a todos, mas no cotidiano fazem discriminação e adotam posturas preconceituosas em suas concepções. Acreditam na homogeneidade dos sujeitos e buscam distribuir os conteúdos escolares na crença de que todos precisam e devem atingir os mesmos resultados. Para Demo (1987:7): “avaliar pode se constituir num exercício autoritário do poder de julgar ou, ao contrário pode se constituir num processo e um projeto em que avaliador e avaliando buscam e sofrem uma mudança qualitativa”, já que a sala de aula é um mundo de diversidade de opiniões, comportamentos, vontades, pois ali está reunido um grupo de sujeitos que busca cada um de sua maneira, formas variadas de entender, a cada momento o que ali acontece.

2.2. O erro como uma etapa do processo ensino-aprendizagem

Não se deve ter uma visão culposa do erro, e sim uma visão sadia fazendo com que este erro possa ser utilizado de forma construtiva. Há dificuldades em se utilizar o erro de forma construtiva, principalmente porque alguns erros cometidos pelos alunos não devem ser reconsiderados, pois são cometidos por falta de interesse e desempenho do aluno. Sem perceber o professor começa a aplicar o castigo, ameaçando-os de não serem aprovados se não se interessarem pelos estudos.

Neste contexto, vale ressaltar que tanto no passado quanto no presente, as condutas dos alunos considerados como erro têm dado lugar as mais variadas formas de castigo por parte do professor. Com o passar dos tempos estes castigos foram perdendo o caráter de agressão física, tornando-se mais sutis, mas não deixaram de ser violência, pois ao invés de atingirem o físico do aluno, atingem sua personalidade.

É preciso, porém, usar o erro como fonte de virtude, de crescimento colocando a observação em primeiro lugar e depois julgar. Quando julgamos para depois observar os fatos, a observação fica amarrotada pelo julgamento. Certamente não é fácil observar primeiro para depois julgar, mas é preciso aprender esta conduta, isso se queremos usar o erro como fonte de virtude, de crescimento, ou seja, o erro como aliado no processo ensino-aprendizagem.

Ao invés de ser castigado ou punido por algo que não deu certo ou que não foi bem sucedido, deve-se se apropriar do insucesso ou do erro para crescer na busca do objetivo pretendido procurando recursos apropriados para a resolução do problema; evidentemente o erro para ser utilizado como fonte de virtude ou de crescimento necessita de efetiva verificação, a fim de reconhecer a origem do erro e a sua constituição para que só assim possamos superá-lo, com benefícios significativos para o crescimento.

É sabido que não é preciso errar para crescer, porém se ocorrer o erro não devemos fazer dele fonte de culpa e de castigo, mas objeto de encaminhamento para uma vida de sucessos e realizações. É preciso que tiremos do insucesso e do erro uma lição de vida, já que o caminho para o sucesso possui diversas trilhas com os mais diferenciados obstáculos e para alcançarmos um aprendizado significativo atravessamos muitos erros dos quais é preciso tirar proveito sabendo por que e como esses erros foram cometidos procurando assim aprender com os mesmos não os cometendo mais.

Em entrevista realizada pela revista Nova Escola o professor aposentado e especialista em avaliação da aprendizagem escolar Cipriano Carlos Luckesi diz: “O objetivo da avaliação é intervir para melhorar”, por isso faz-se necessário que ao avaliar informações ou capacidades seja feito um exame mais criterioso sobre a noção do erro na aprendizagem, bem como a sua eventual superação.

2.3. Avaliar, avalia realmente?

A avaliação é um instrumento fundamental para auxiliar professores e alunos no seu processo de competência e crescimento, e por isso, julga-se necessário a mudança no que se refere à prática avaliativa já que nas escolas, em termos gerais, avalia-se quase exclusivamente o aluno, para medir o grau de consecução que alcança em relação aos objetivos propostos. É importante concebê-la como processo integrador para que assim seja possível determinar os fatores do insucesso e orientar as ações para somar ou minimizar as causas e promover a aprendizagem do aluno, bem como a reflexão do professor sobre os seus métodos para que as suas avaliações não sirvam de medida para o conhecimento e / ou informações adquiridas pelo aluno através do

professor já que este é visto como principal responsável pela aprendizagem, é importante que o aluno sinta prazer ao estudar, pois segundo Melchior (2001: 42),

Os resultados da avaliação facilitam as aprendizagens significativas e relevantes dos alunos, pois se avalia para compreender, para trocar as informações com o avaliando e, assim melhorar sua motivação e comprometimento com o processo. Os alunos irão se sentir reconhecidos e compensados pelos seus esforços. No entanto, isto não vai acontecer se a avaliação for considerada, somente, como detentora de erros, lacunas e problemas, mas como forma de reconhecer os esforços, comprovar a construção dos conhecimentos, a incorporação de novas habilidades e atitudes.

Da forma como nos passa Melchior fica claro que as particularidades de cada um em determinados momentos da escolaridade e as possibilidades de aprendizagem decorrem seguindo o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social de acordo com a situação, pois o desenvolvimento dos alunos está relacionado com as oportunidades oferecidas, tanto do ponto de vista pessoal como social.

Por falta de conhecimento os professores passam a utilizar a avaliação como instrumento classificatório, rotulando o aluno de capaz ou incapaz. Diante disso, devemos repensar as formas avaliativas que conduzem o indivíduo a aprendizagem, pois a maioria das nossas escolas utilizam a avaliação para medir os conhecimentos ou as informações adquiridas pelos alunos. Portanto, devemos repensar o ato avaliativo com responsabilidade, para que o professor não continue utilizando a avaliação apenas como medição. O aluno precisa descobrir o prazer de estudar, despertar o desejo de encontrar novos caminhos que o leve ao conhecimento.

A avaliação é essencial à educação e estes são dois momentos que estão relacionados no processo educativo. A avaliação é a reflexão convertida em ação, é um processo interativo onde educandos e educadores conhecem a realidade escolar e aprendem sobre si no ato da avaliação, por isso é fundamental a utilização de diferentes formas de avaliar, pois se o aluno não domina a escrita não quer dizer que ele não domine o conteúdo podendo assim expor o que sabe de forma oral, por exemplo. A avaliação é um instrumento fundamental para fornecer informações sobre como está se realizando o processo ensino-aprendizagem como um todo, não só para o professor, mas para toda a equipe escolar conhecer e analisar os resultados do seu trabalho.

A avaliação concebida por intermédio de observações, relatórios e produções textuais, entre outros, intervém no processo que pode possibilitar a reflexão e consequentemente a intervenção na construção e conquista do saber. Ao se fazer registros sobre o acompanhamento da turma permite ao professor abrir novos caminhos e diversificar materiais e estratégias de ensino, inclusive a diversidade de atividades avaliativas que proporcionam o desenvolvimento e crescimento cognitivo e intelectual do aluno. Através de observações e até mesmo investigações sobre a vida dos alunos possibilita ao professor desenvolver atividades que sejam interessantes e instigantes para os alunos. Se conhecemos o dia-a-dia e as necessidades e curiosidades das crianças fica mais fácil envolvê-las com os conteúdos trabalhados já que estes sendo ensinados estrategicamente irão de certa forma fazer relação com o cotidiano da criança. As observações serão úteis se o professor tiver feito registros de fatos significativos ocorridos durante o processo. São essas informações que vão dando subsídios para o professor diante dos assuntos desenvolvidos, a observação é uma técnica muito importante, mas não é suficiente o professor observar o que acontece em sala de aula, é necessário que haja um registro dessas observações que ao serem colocados junto a outros instrumentos que registrem dados significativos e relacionados aos objetivos propostos, assim sendo, o registro das observações requer uma contextualização do ocorrido para que as interpretações sejam adequadas, objetivas e exatas garantindo que o aluno está acompanhando os desafios que estão sendo propostos.

2.4. Avaliação diagnóstica ou participativa e classificatória

A avaliação diagnóstica deve agir como instrumento auxiliar da aprendizagem, procura com o passar do tempo através de acompanhamentos com os alunos diagnosticar as dificuldades e assim eliminar ou pelo menos minimizar através de novas estratégias para o ensino-aprendizagem e, para que o sistema de ensino, o professor e o aluno consigam avançar, essa avaliação diagnóstica apresentará função de autocompreensão em todas as vertentes, como afirma Luckesi (1998: 83),

A avaliação realizada com os alunos possibilita ao sistema de ensino verificar como está atingindo seus objetivos, portanto, nessa avaliação ele tem uma possibilidade de autocompreensão. O professor na medida em que está atento ao andamento de seus alunos, poderá, através da avaliação da aprendizagem, verificar o quanto o seu trabalho está sendo eficiente e que desvio está tendo. O aluno por sua vez, poderá estar permanentemente descobrindo em que nível de aprendizagem se encontra dentro de sua atividade escolar, adquirindo consciência do seu limite e das necessidades de avanços.

Sendo a avaliação assim vista, como um diagnóstico contínuo e dinâmico torna-se um instrumento fundamental para repensar e reformular os métodos, os procedimentos e as estratégias de ensino, para que realmente o aluno aprenda. Para Hoffmann (1991:17): “Um professor que não avalia constantemente a ação educativa no sentido indagativo, investigativo do termo, instala sua docência em verdades absolutas, premoldadas e terminais”. Assim seguindo o que diz Hoffmann o objetivo da avaliação é diagnosticar como está se dando o processo ensino-aprendizagem e coletar informações para corrigir possíveis distorções observadas nele. Por exemplo: se os resultados da avaliação não foram satisfatórios, é preciso buscar as causas, pode ser que os objetivos tenham sido superdimensionados ou o problema pode está no conteúdo, na metodologia de ensino, nos materiais instrucionais, na própria forma de avaliar ou em algum outro aspecto. Isso significa que avaliar não é apenas verificar, é necessário uma mediação entre verificação-qualificação, em forma de análise para o alcance dos objetivos traçados e para que a partir disso, o professor possa prosseguir suas atividades didáticas, buscando a qualidade do processo ensino-aprendizagem.

Nestes termos, convém conduzir uma avaliação centrada no aluno que deve considerar suas atitudes e interesses, seus valores e suas habilidades, trata-se de uma avaliação dinâmica, uma vez que deve adequar-se as mudanças que ocorrem no processo, pressupondo seriedade, compromisso profissional, competência técnica e comprometimento com o sucesso dos alunos.

A avaliação feita dessa forma serve de acompanhamento para a formação do indivíduo tornando-o integrante de uma sociedade fundamentada na prática pedagógica. Nessa perspectiva, a avaliação deixa de ter um caráter classificatório e simplesmente aferir o acúmulo de conhecimento para promover ou reter o aluno na série. Para Luckesi (1990:52),

A avaliação não pode ser utilizada só como função classificatória. mas como instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que ele possa avançar no seu processo de aprendizagem. Deste modo, a avaliação não seria somente um instrumento de aprovação dos alunos, mas sim um instrumento de diagnóstico de sua situação, em vista a definição de encaminhamentos adequados para sua aprendizagem.

Assim como nos diz Luckesi a avaliação deve ser entendida pelo professor como um processo de acompanhamento e compreensão dos avanços, dos limites e das dificuldades dos alunos para

atingirem os objetivos das atividades da qual participam. O professor por sua vez não deve apontar seus erros e acertos, e sim, trabalhar em cima destes, fazendo com que o aluno seja motivado e sinta desejo em buscar o conhecimento. Não se deve simplesmente focalizar no aluno seu desempenho cognitivo e o acúmulo de conteúdos, pois se levar em consideração apenas esses fatores irá classificá-lo em aprovado ou reprovado. Além disso, ela deve ser essencialmente formativa na medida em que cabe à avaliação subsidiar o trabalho pedagógico, redirecionando o processo ensino-aprendizagem para sanar dificuldades, aperfeiçoando-as constantemente.

A avaliação deve tornar-se para professor e aluno uma satisfação, uma gratificação, um impulso para novas buscas e realizações e, jamais motivo de frustrações e bloqueios no processo educacional. Para Luckesi os bloqueios e frustrações se encontram na avaliação classificatória que se constitui num instrumento estatístico e frenador do processo de crescimento. O educando como sujeito humano e histórico, contudo, julgado e classificado. Ele ficará para o resto da vida estigmatizado, pois as anotações e registros permanecerão em definitivo nos arquivos e nos históricos escolares, que se transformam em documentos legalmente definidos. Este tipo de avaliação está muito mais articulada com a reprovação do que com a aprovação, contribuindo assim para a seletividade social.

Sabendo-se que essa prática de avaliação tem efeito muito perverso em todos os campos, do ponto de vista pedagógico, ela provoca a não-aprendizagem, porque o aluno fica mais preocupado em tirar uma nota do que em aprender; do ponto de vista psicológico, os estragos são enormes como a questão da auto-estima, da insegurança, deformações psicológicas que ocorrem em função da avaliação; e no ponto econômico o estrago é enorme, porque o dinheiro que é gasto com reprovações e evasões poderiam ser aplicados na educação de crianças que estão fora da escola; no efeito político esse tipo de avaliação acaba levando o sujeito à posição de possibilidade; sendo que do ponto de vista da escola, o mais importante é o projeto político pedagógico, a questão do desenvolvimento e da formação humana, da cidadania, da construção do conhecimento. Por outro lado, do jeito como a avaliação vem sendo feita, autoritária, meramente classificatória, só para constatar e não para intervir, ela acaba comprometendo mesmo a concretização do PPP (Projeto Político Pedagógico).

Em nossa prática escolar os professores utilizam-se dos conceitos de verificação ou de avaliação que acreditam serem coerentes e consistentes. Para obter os resultados da aprendizagem os professores adotam como padrão de medida o “acerto” de questões sobre o conteúdo. Os acertos conseguidos nos testes, provas ou outros meios de coleta dos resultados são transformados em “ponto” que podem ser igual ou diferenciado para cada acerto. O segundo critério é transformar a medida em nota ou conceito. Essas notas e conceitos é que expressam a qualidade atribuída à aprendizagem do educando.

Infelizmente nós professores, pais e normalmente o aluno estamos muito mais interessados pela aprovação ou reprovação dos educandos, que deixamos de atentar para uma prática avaliativa que se preocupe com o desenvolvimento qualificativo, capaz de levar o aluno a construção de uma aprendizagem significativa em prol do desenvolvimento do educando.

Concordo com Luckesi quando ele diz em entrevista realizada pela revista Nova Escola, que a avaliação como está sendo aplicada ainda hoje, com essa correção e atribuição de notas só serve para aprovar ou reprovar o aluno, inclui uns e exclui outros. Desta forma, está centrada no professor e no sistema de ensino e não em quem aprende. Ele diz ainda que a avaliação é constituída de instrumentos de diagnóstico, que visa a melhoria da aprendizagem. Dessa forma, ela passa a ser também dialógica que é um diálogo, ou seja, uma negociação entre o professor e o aluno.

Quanto à reprovação, esta é mais evidente onde há pouco investimento na qualidade da aprendizagem. Onde há um investimento maior na estruturação do professor, o índice de reprovação é praticamente zero. No que se refere a reprovação principalmente na 1ª série deve-se a fatores externos e internos. Os externos são a escassez de recursos e más condições de ensino e os fatores internos diz respeito à relação professor-aluno: o professor ensina uma coisa, o estudante entende outra, ensina de uma forma e solicita de outra, ou não usa atividades adequadas.

A partir da entrevista com Luckesi torna-se clara a necessidade de se avaliar, mas não com o intuito de aprovar, reprovar, classificar ou selecionar, e sim, com o intuito de tornar eficaz o

processo ensino-aprendizagem, ou seja, a avaliação contribui de forma significativa para a qualidade do aprendizado.

Não é avaliação que faz com que o aluno aprenda, mas é a partir dela que não só o professor mas também o aluno pode refletir sobre erros e avanços e o que deve ser feito para melhorar. A avaliação é sem dúvida um mecanismo de controle da qualidade do que está sendo ensinado no dia-a-dia nas escolas, ou seja, a escola ensina, mas será que os alunos aprendem? A avaliação é o único veículo capaz de revelar a situação em que se encontra a aprendizagem e com isso determinar novos rumos a serem seguidos.

Sendo a avaliação um instrumento de reflexão constante torna-se evidente e indispensável à realização de um trabalho coletivo onde seja possível detectar as dificuldades mais frequentes e a partir delas desenvolver novas estratégias para atender as necessidades dos educandos e dos próprios educadores. Uma dificuldade presente no aprendizado dos alunos é a deficiência na leitura o que traz conseqüências na hora de redigir e também de interpretar os mais variados textos. E a leitura que amplia a nossa visão de mundo, pois através dela é possível estabelecer relações entre o texto e a realidade social. E é com o trabalho em grupo que vai ajudar os alunos a superar os obstáculos encontrado em cada disciplina, ou seja, todos os professores independente da disciplina ou série que esteja ensinando devem desenvolver a leitura e a escrita, pois essa é uma tarefa de todos e não só do professor de Língua Portuguesa ou da alfabetização e da 1ª série. Muitos alunos se sentem prejudicados e inferiorizados na hora de fazer uma avaliação quando esta visa somente os acertos e rotula os erros através de notas e repetências. O sistema de avaliação deve servir para o professor e para o aluno como mediadora, identificando as deficiências dos alunos antes que estes sejam prejudicados, ou seja, retidos naquela série.

E preciso tomar cuidado com a avaliação que está e como está sendo aplicada em sala de aula, pois é importante lembrar que se ela for excludente e classificatória (onde há uma seleção dos bem sucedidos e dos fracassados) esse tipo de avaliação pode causar danos irreversíveis não só na vida escolar do aluno, mas em várias situações da sua vida futura. A linguagem que é utilizada em sala de aula pode influenciar no entendimento do aluno acerca dos conteúdos que estão sendo explorados, afinal, o aluno traz de casa uma linguagem própria estando alheio aos termos que são

usados na escola, e até que ele se familiarize com esses novos termos torna-se mais lento e com um nível maior de dificuldade, o que vai se superando com o passar do tempo através de acompanhamentos.

É importante que o professor possa descrever o desenvolvimento de seus alunos em relação ao que estabeleceu como objetivos dentro de um determinado período e para que isso seja possível é preciso comparar o desempenho dos alunos em atividades semelhantes ao longo do processo, essa comparação testemunhará os avanços na aprendizagem do aluno e servirá como objeto de reflexão do próprio professor.

É interessante que, em situação de avaliação, o aluno saiba quais são os tópicos que merecerão maior atenção. Ler e escrever mobiliza uma série de habilidades difíceis de serem controladas principalmente por quem está se aperfeiçoando agora e tem pouca experiência. Portanto, antecipar o que será avaliado ajudará o aluno a se concentrar mais, o que fará com que ele possa colocar em prática o que já sabe com mais confiança e autocontrole.

3. Refletindo sobre a prática avaliativa em sala de aula.

A avaliação como crítica de um percurso de ação será, então um ato amoroso, um ato de cuidado, pelo qual todos verificam como estão criando o seu "bebê" e como podem trabalhar para que ele cresça.

Cipriano Luckesi

As idéias que temos de avaliação – mediação, seleção, mérito, comparação – influenciam as práticas escolares e são entraves difíceis de serem vencidos. Temos em mente padrões universais de desenvolvimento, aprendizado e comportamento, esperamos que todas as crianças tenham alcançado a base alfabética por volta dos 6 anos, por exemplo, mas como há divergência nessa expectativa construímos o nosso olhar sobre nossos alunos e alunas nos levando assim a uma inevitável classificação das crianças passando a rotulá-las e excluí-las desde muito cedo.

Avaliamos nossas crianças, quase sempre, levando em consideração aquilo que elas não dão conta de fazer, ou seja, avaliamos segundo as nossas expectativas. E é justamente aí que devemos mudar o nosso olhar redirecionando-o para melhor compreender a história de cada um, suas

possibilidades respeitando os limites e valorizando o quanto já cresceram e o que ainda podem crescer. Nesse contexto, chega-se a um entendimento, a avaliação deve servir não só para acompanhar a trajetória de alunos e alunas, mas deve servir para orientar os pais sobre os rumos que estão sendo trilhados na educação de seus filhos, sobretudo, auxiliar os professores a refletir sobre sua prática em sala de aula.

Neste terceiro capítulo voltamos nossa atenção para analisarmos os procedimentos da prática de ensino dos professores investigados e a mim mesma com relação à prática avaliativa na escola ao longo da realização dos encontros durante o Estágio Supervisionado. Assim sendo, as transformações no campo do conhecimento exigem hoje dos profissionais da educação a capacidade de serem agentes transformadores no processo de ensino-aprendizagem e para tanto é preciso entender de que maneira a escola trata a avaliação, a concepção dos professores com relação a prática avaliativa bem como a existência de fatores extra-escolares que podem contribuir tanto para o sucesso como para o fracasso escolar do aluno e de certa forma, também do professor.

A partir de uma prática pedagógica que tem como objetivo a qualidade do ensino para a formação de sujeitos críticos e conscientes. Tivemos como pretensão promovermos uma reflexão mais aprofundada em torno da temática avaliação, através do Estágio Supervisionado, junto aos professores sujeitos do estudo tomando como base teórica os autores supracitados no decorrer do primeiro e do segundo capítulo.

Destacamos, portanto, o papel da interação na aprendizagem (aluno-escola-professor). Essa interação pode ser vista muitas vezes, como indicador do sucesso ou do fracasso escolar do aluno nas atividades escolares e metodológicas. Desse modo, as estratégias de ensino devem favorecer a interação (professor-aluno) no processo de ensino-aprendizagem. Para se construir uma aprendizagem sem eixos problemáticos é preciso tomar como referencia a ação docente, ou seja, a prática pedagógica e a formação do professor é imprescindível para ressignificar o processo ensino-aprendizagem. Trata-se de refletir: O que está sendo ensinado, para que, porque e como está sendo ensinado? Nessa perspectiva, torna-se claro que o papel do educador é promover o desenvolvimento integral do aluno, mas para tanto é preciso que o professor torne-se um sujeito

mediador, problematizando e interagindo com os alunos e é com esse objetivo que realizamos um trabalho sobre a temática avaliação desenvolvido com professores das series iniciais onde serão utilizados como instrumento para a coleta de dados um questionário já que o mesmo permite investigar vários professores ao mesmo tempo e possibilita também a liberdade de expressão, ou seja, com o questionário em mãos os professores ficam mais “a vontade” para expressar suas idéias, além desse questionário também aconteceu um encontro onde tivemos a oportunidade de compartilhar com diversos professores as experiências vivenciadas por eles no dia-a-dia em sala de aula, principalmente fatos relacionados a avaliação escolar, já que esta se destaca no nosso trabalho.

O Estágio Supervisionado foi realizado em uma Escola da rede municipal de ensino numa sala multisseriada de pré a 4ª série. Por se tratar de uma turma multisseriada a prática avaliativa torna-se ainda mais complexa considerando os diferentes níveis de conhecimento de cada um, suas potencialidades e o ritmo de desenvolvimento dos mesmos. Algumas crianças aprendem mais e em tempo acelerado com relação à outras que não se destacam na sala de aula e por diversas razões não respondem as expectativas esperadas. São vários os problemas enfrentados no cotidiano escolar como a carência de material para proporcionar aulas mais criativas e atrativas que de uma forma ou de outra contribui para o desenvolvimento intelectual do aluno, muitas vezes procuramos usar o que está ao nosso alcance (jornais, calendários, documentos, rótulos, etc.), mas infelizmente nos falta a habilidade, criatividade além de cursos de formação específica que nos proporcionem um respaldo teórico para alfabetizar e letrar os nossos alunos. Outro problema que é muito comum nas escolas é com relação a participação dos pais, embora, não participem ativamente da educação dos seus filhos, nas reuniões bimestrais o interesse maior dos mesmos é saber da nota dos seus filhos, se “dá para passar” ou se vai repetir de ano, na maioria das vezes lamentavelmente o interesse dos pais é esse, não se preocupando com a aprendizagem, ou seja, não se interessam pelo o que está sendo ensinado, como, porque e principalmente de que forma o seu filho foi merecedor de determinado conceito. A questão das turmas multisseriadas é um problema ainda mais complicado, não há turmas homogêneas, mas em salas seriadas o rendimento é mais proveitoso, enquanto que no multisseriado o professor acaba não dando a assistência necessária para cada aluno, pois mesmo planejando atividades diversificadas torna-se

muito difícil alcançar com êxito os objetivos traçados a priori para uma aprendizagem significativa.

Hoje, depois de tanta leitura, pesquisas, debates e estudos sobre a temática avaliação posso dizer que houve uma mudança na minha prática avaliativa, pois antes, para avaliar os alunos eu dava-lhes o conteúdo explicava, debatia, fazia questionamentos orais e várias atividades, logo após, marcava a prova e conseqüentemente atribuía-lhes uma nota, praticava uma avaliação classificatória, seletiva e excludente, já que não me importava muito com o que as crianças haviam feito ou deixado de fazer na prova, corrigia superficialmente sem analisar os erros e o porque de não terem respondido alguma questão, outra coisa que acaba classificando os alunos é a questão da leitura, ou seja, se a criança não tem domínio da leitura e da escrita acaba sendo prejudicada na hora da prova, pois muitas vezes o aluno tem o saber, mas não é capaz de comprovar isso através de provas escritas, sendo assim necessário apropriar-se de um instrumento avaliativo que promova a comprovação do conhecimento construído. É necessário avaliar todos os alunos, tanto os que sabem ler e escrever quanto os que não sabem, o que vai fazer a diferença e realmente fez na minha prática e durante o Estágio Supervisionado foram as atividades diferenciadas na hora de avaliar, pois para cada criança ou grupo de crianças deve-se planejar atividades e objetivos diferenciados já que as mesmas se encontram em níveis de aprendizagens diferentes.

Deve-se apropriar-se dos resultados de uma avaliação para dar continuidade ou voltar para o ponto de partida se assim julgar necessário, ou seja, deve-se analisar se os objetivos que foram planejados e definidos a princípio foram alcançados com êxito e se realmente os alunos se mostraram satisfeitos com os resultados conseguidos é justo e louvável seguir com um novo conteúdo, porém, se os resultados da avaliação não forem satisfatórios é necessário que se tome como ponto de partida o erro para trabalhar novamente as dificuldades dos alunos reforçando e principalmente se preciso for mudar a metodologia para que os alunos sejam capazes de aprender e entender o que está sendo ensinado.

A avaliação que deve ser desenvolvida em sala de aula é aquela que usa os resultados para dar novos rumos ao trabalho que está sendo desenvolvido, é aquela que ajuda os alunos a mostrarem

o que aprenderam, mas também ser um guia para trilhar caminhos que superem as suas dificuldades, deve informar aos pais sobre a aprendizagem dos seus filhos, além de ser um instrumento que sirva para o professor refletir sobre a sua prática.

3.1 Caracterização da escola campo de Estágio

Escola Municipal de Ensino Fundamental Enoque Mendonça de Sousa, localizada na zona rural, Sítio Pedreiras, município de Monte Horebe, cidade do auto sertão paraibano.

A referida escola foi construída em um terreno doado pelo proprietário, o Sr. Boaneve Dias de Sousa, conhecido como Chico Guarita, o mesmo doou o terreno no ano de 1983 para atender as necessidades da população dessa região. Antes, a escola funcionava na sua própria casa, posteriormente aumentou o número de alunos e ele construiu uma garagem a qual serviu de escola até a construção do prédio propriamente dito. A instituição não é grande, possui apenas uma sala (bem arejada), uma cantina e um banheiro.

A clientela atendida pela escola são crianças filhos de agricultores que residem nas suas proximidades. Atualmente a instituição atende turmas de pré a 4ª série do Ensino Fundamental, todos os alunos estudam juntos formando assim uma turma multisseriada, onde há apenas uma professora lecionando. No momento a escola funciona apenas no turno manhã, mas já funcionou à tarde com o multisseriado e à noite com o programa de Alfabetização Solidária.

Pode-se dizer que não há problemas na escola, pois podem ser definidos como dificuldades das quais podem ser citadas: o trabalho com o multisseriado, a falta de material didático, a falta de merenda e de acompanhamento da família, mas estas são dificuldades que podem ser superadas.

É na Secretaria da Educação do município que se encontra o corpo administrativo e de apoio de todas as escolas da zona rural. As reuniões pedagógicas geralmente são realizadas a cada quinze dias onde os professores são orientados pelas coordenadoras pedagógicas a desenvolverem em sala de aula projetos e sugerem atividades de acordo com as comemorações do respectivo mês.

O planejamento das aulas é realizado pelo professor à sua maneira (diário, quinzenal, etc.). A cada bimestre são realizadas três avaliações de Língua Portuguesa e Matemática e duas das demais disciplinas, nessas avaliações também se conta a participação do aluno. Caso o aluno não atinja a nota 7,0 (sete) é feita uma recuperação desta nota, onde ele terá de estudar o conteúdo para fazer nova avaliação.

Percebe-se uma falta de compromisso da família com relação à educação dos seus filhos, já que a escola procura trabalhar o conhecimento do aluno de forma que ele possa se tornar um sujeito crítico e use o que aprendeu na escola para atuar na sociedade cumprindo com os seus deveres e lutando por seus direitos.

3.2 Análise dos dados

Nessa parte do trabalho voltamos nossa atenção para análise e discussão dos procedimentos da prática de ensino dos professores investigados com relação a prática da avaliação. Além de desenvolver um trabalho de observação e prática na sala de aula onde leciono e realizei o Estágio Supervisionado, para enriquecer o trabalho de pesquisa senti a necessidade de aprofundar a discussão com professores de salas multisseriadas de outras escolas municipais, como também professores da Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Venâncio Dias em Monte Horebe, Paraíba.

Para a coleta de dados elaborei um questionário composto por cinco questões subjetivas envolvendo a temática da avaliação e em seguida nos reunimos para juntos debatermos as práticas avaliativas desenvolvidas em sala de aula tomando por base textos relacionados ao tema.

Iniciamos o encontro com um texto reflexivo “Um pouco mais sobre a curiosidade” por se tratar de um texto que vem de encontro com a nossa realidade tanto como profissionais como também no que se refere a nós como seres humanos. Esse texto teve um resultado positivo em relação ao nosso trabalho, pois todos os participantes tiveram a oportunidade de entender que é difícil lutar

por uma educação de qualidade, mas não é impossível, é preciso ser curioso e aflorar a curiosidade dos alunos para conhecer o novo.

No nosso segundo momento debatemos sobre os modelos conflitantes de avaliação (Jussara Hoffmann e Maria Celina Melchior). O texto nos fala da avaliação tradicional, onde está o erro e o que propõe os especialistas. Por ser um assunto muito abrangente todos participaram da leitura e tiveram a oportunidade de expor suas idéias e fazer um paralelo com a sua prática e sua forma de avaliar. Com certeza esse foi um dos pontos culminantes neste encontro, pois com base na leitura se sentiram mais a vontade para falar o que realmente acham e como se sentem diante da temática em estudo. Inclusive houve depoimentos em que as professoras falaram de nunca terem atentado para esta distinção entre a avaliação classificatória e a avaliação qualitativa e que este encontro foi muito proveitoso e a partir dele irão procurar melhorar suas práticas avaliativas.

Para finalizar o encontro foi distribuído o texto “Eis a visão de uma escola do novo milênio” que foi lido e refletido por todos.

Com o questionário que foi entregue as seis professoras identificadas aqui por letras (A,B,C,D,E, e F) quando indagados sobre que instrumentos são utilizados para avaliar e se estes causam algum entrave à aprendizagem do aluno, verificou-se em síntese que os instrumentos utilizados para avaliar são: provas escritas, dissertativas, de questões objetivas, de correspondência e múltipla escolha, seminários e pesquisas dirigidas além de resolução de cálculos, problemas e outros. Em alguns casos esses instrumentos podem causar entrave, pois no momento de responder ou executar determinada tarefa o aluno pode se sentir incapaz de manifestar com clareza e exatidão resultados que comprovem que os objetivos propostos pelo professor foram atingidos.

Com base nessa resposta pode-se constatar que qualquer instrumento pode causar entrave, portanto, é preciso considerar que os procedimentos avaliativos não esgotam as possibilidades de valorização dos alunos e de diagnóstico da prática escolar. É o professor, em sala de aula que vai elaborar as formas de registros mais eficientes e adequados para garantir uma ação educativa efetivamente transformadora.

Nesse sentido, quando questionados também sobre a complexidade no momento de avaliar, o que fazer quanto ao processo ensino-aprendizagem, as professoras em sua maioria entendem que os alunos devem ser avaliados através dos modos convencionais como debates, produções escritas, além de avaliar também o desempenho, comportamento, participação nas aulas dando opiniões e levar em consideração tudo o que o aluno fala, com fundamento no que aprendeu. Desta forma, o professor estará avaliando se o conteúdo dado foi válido. Segundo a professora (E):

A avaliação é entendida como um documento burocrático de rendimento dos alunos, mas não devemos se prender a isso, devemos recorrer todo o processo detectando dificuldades e ajustando a sua prática para se obter sucesso no que se refere ao ensino-aprendizagem, já que não se deve avaliar somente o que se aplica aos alunos, mas o ensino que se oferece.

Abordando a mesma temática temos a seguinte opinião da professora (F):

Podemos constatar instrumentos e procedimentos diversificados de avaliação e para verificarmos o rendimento escolar aplicamos provas escritas num caráter mais formal, mas há procedimentos que visam à aprendizagem dos alunos nas várias situações diárias, nas quais não há necessidade de se aplicar prova e dar nota.

É notável, portanto, que as professoras nesse sentido avaliam pela forma convencional utilizando-se de instrumentos que possam comprovar de forma objetiva o que os alunos aprenderam, mas recorrem a procedimentos informais que lhes dêem respaldo sobre o que foi ensinado e o que foi aprendido.

Quando perguntamos se o que são avaliados são os acertos ou os erros, três das professoras investigadas afirmaram que avaliam tanto os acertos quanto os erros, já que a avaliação serve para que a criança alcance uma melhor aprendizagem e corrigindo-as dessa forma estarão ajudando para a sua evolução na maneira de se expressar e de construir novos conhecimentos. Porém, pode-se constatar através de suas respostas quando dizem: “o aluno que não erra não aprende e, é errando que ele se aprimora para acertar na próxima oportunidade”, mesmo sem querer ou perceber estão levando em consideração os erros.

Duas professoras confirmam que geralmente avaliam os erros, mas reconhecem que é uma prática inadequada, pois não apresentamos aos alunos seus progressos, avanços, dificuldades e possibilidades no processo ensino-aprendizagem. Assim, segundo a professora (F):

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, não se resume a erros ou acertos. No entanto, os dados coletados no decorrer do processo de ensino consiste em considerar a relação entre os aspectos qualitativos e quantitativos.

Como se percebe, a maioria das professoras de uma forma ou de outra avaliam os erros, mas estão conscientes que é uma prática inadequada, contudo, convém mudar essa forma para promover uma aprendizagem significativa.

Quando se perguntou se a avaliação é usada como subsídio ou só se avalia para seguir o sistema educacional, três das professoras afirmaram que a avaliação é um cumprimento do sistema educacional, já que este exige notas com uso de prova e recuperação. Para a professora (B): “Na verdade é para cumprir o sistema educacional, é um método tradicional que precisa ser mudado”.

As demais professoras responderam acerca dessa questão que usam a avaliação como subsídio para auxiliar no processo ensino-aprendizagem, mas usam também para seguir o sistema educacional através do método quantitativo cumprindo com a função didático-pedagógico no que se refere aos objetivos geral e específicos da educação. Para a professora (C):

A avaliação é usada como subsídio que procura identificar os erros, acertos e evolução da aprendizagem dos alunos mediados pelo professor. Mas também se usa a avaliação para seguir o sistema educacional que a vê como um aspecto mensurável indispensável no processo ensino-aprendizagem.

Constata-se na realidade pesquisada que as escolas apóiam-se na avaliação classificatória visando verificar a aprendizagem por meio de medidas de quantificação com a pretensão que as crianças aprendem do mesmo modo e ao mesmo tempo. Contudo, verifica-se que alguns professores estão preocupados em trabalhar os conteúdos da melhor forma possível para que os alunos compreendam e construam o seu próprio conhecimento através de atividades cotidianas e não com uma prova que marca o fim do ensinamento.

Fechando assim o bloco de perguntas, quando indagados se é realmente uma preocupação dos professores mudar a forma de avaliar, as respostas foram unânimes, sim, porque as finalidades do processo avaliativo inclui uma variedade de situações de aprendizagens, além da tradicional prova, visto que cada criança tem uma maneira e um tempo diferente para construir o conhecimento. Segundo a professora (A):

É preciso mudar porque o sistema exige do professor um método de avaliar que muitas vezes castra o aluno, impedindo o seu desempenho. Professores e alunos precisam se preocupar mais com a aprendizagem e não com provas e mais provas que na maioria das vezes só classificam através da nota – passou e não passou.

As respostas foram bastante semelhantes pela opinião das professoras investigadas, avaliar não é aplicar somente atividades escritas e mensuráveis já que esta deve ser entendida como um processo necessário e constante que compete ao professor estabelecer objetivos conforme a realidade da sua sala de aula, pois o importante é usar a avaliação como diagnóstico respeitando a diversidade e visando não só uma quantificação, mas principalmente, uma maior qualificação da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática da avaliação tem ocupado bastante espaço no âmbito educacional. É um tema que precisa ser tratado com muito critério, porque tem muitos desdobramentos. Muitas lutas vêm sendo assumidas por educadores e até mesmo por políticos na denúncia da função seletiva e discriminatória das notas e conceitos e dos sérios prejuízos sociais decorrentes da reprovação de estudantes das classes populares. Decisões políticas encaminham a questão no sentido de eliminar das escolas o fenômeno da reprovação das series iniciais.

Há uma preocupação em solucionar tais problemas nas escolas com o intuito de corrigir a distorção idade-série nas series iniciais, visando oferecer ao aluno marcado por repetências sucessivas, uma escola dinâmica, interessante onde cada um possa redescobrir o prazer do aprender dentro da Pedagogia do Sucesso. Dentro de uma pedagogia onde o sucesso do aluno acontece dia-a-dia e não apenas no final do ano e cada aluno possa adquirir habilidades e hábitos importantes em qualquer situação, na escola e na vida, na qual o aluno vai aprender a trabalhar com objetividade e verificar o seu progresso e perceber o seu sucesso a cada passo.

Visto que a sua avaliação está inclusa nas observações, na auto-avaliação, no trabalho individual e em grupo e não especificamente na “nota”. Essa nova perspectiva de avaliação exige que o educador faça com que o educando seja sujeito do seu próprio desenvolvimento inserido no contexto de sua realidade social e política. Nesta dimensão educativa o erro e as dúvidas dos alunos são considerados significativos e impulsionadores para um salto em direção a uma vida consciente, sadia e feliz.

No sentido de compreender as dificuldades por parte do educador e educando no ato de avaliar sem nota, na busca incessante de compreensão do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimentos, o processo avaliativo prioriza o diálogo entre professor e aluno, além de oportunizar a ação-reflexão num acompanhamento permanente do professor com aprofundamentos teóricos que lhes permitam sugerir novas investigações para o educando, dando assim oportunidade e aprofundamento nos seus conhecimentos e posicionamentos metodológicos na elaboração de questões e análises de respostas dos alunos.

Através das expressões de manifestações de dúvidas e anseios no que poderíamos auxiliá-los a reconduzir suas ações e compreendê-las. Nesta perspectiva, chegamos à conclusão de que mudar a avaliação é fácil dizer! Nem todas as mudanças são válidas. Pode se modificar as escalas de notação, o regime das medidas, o espaçamento das provas, tudo isso não afeta de modo radical o funcionamento didático do sistema de ensino. Para mudar as práticas no sentido de uma avaliação mais formativa, menos seletiva, talvez se deva mudar a escola, pois a avaliação está no centro do sistema didático e do sistema de ensino. A escola opera com o princípio de que o problema está nos alunos e que somente eles próprios poderão resolvê-lo, ou seja, dessa forma a escola faz com que o aluno assuma toda culpa pelo seu fracasso. Mas, é sabido também que há uma enorme dificuldade da escola em inserir determinados alunos no processo de ensino-aprendizagem porque muitos não acompanham ou não se adaptam ao modelo de educação que é seguido pela instituição escolar. Para tanto, urge a necessidade da escola redefinir suas concepções de aprendizagem. Transformá-la radicalmente é questionar o conjunto de equilíbrios frágeis.

O desconhecimento e a falta de compreensão dos educadores, coordenadores e gestores acerca de estudos atuais sobre o fracasso escolar demonstram a que distância nossas escolas estão da realidade dos nossos alunos. A avaliação da aprendizagem deve ser capaz de julgar o valor do aluno possibilitando que ele cresça como indivíduo e como integrante de uma sociedade, formando assim um ser social e político. Os agentes pressentem que, propondo-lhes modificar seu modo de avaliar pode-se desestabilizar suas práticas e o funcionamento da escola.

É preciso o professor se colocar na condição de sujeito e não de objeto. Constantemente o professor é objeto de decisões que vem de “cima” e ele apenas executa. Outro aspecto importantíssimo é a questão da ética. A falta de ética entre os professores compromete o processo de mudança no interior da escola. É necessária uma mudança na própria instituição: o professor tem que estar comprometido com os alunos, na condição de sujeito comprometido com a alteração da lógica social, porque o grande problema é que esta lógica seletiva social dá respaldo para a lógica seletiva na escola. Outra dimensão é a do trabalho coletivo das reuniões pedagógicas. É uma formação contínua, onde os professores podem se fortalecer, tanto na pesquisa acadêmica quanto na pesquisa da sua própria prática. Com certeza será mais válido do

que participar de um seminário, de um congresso ou mesmo fazer um curso e depois voltar para a escola e não ter condições de dialogar a respeito.

Quando a avaliação é colocada a serviço de uma maior aprendizagem, o mais importante não é avaliar, mas avaliar bem. E para mudar a avaliação é necessário ter clareza do papel do aluno em relação a esse processo. Os alunos precisariam fortalecer sua prática, dar um retorno para o professor, entendendo de que a escola deixou de ter uma exigência formal, para ter uma exigência muito maior, que é o compromisso, a construção do conhecimento, a responsabilidade. A avaliação será o resultado de uma reflexão feita sobre informações obtidas em momentos e instrumentos diversificados sem deixar de lado o rigor científico. A avaliação não deve ser realizada só pelo professor e, somente, com os resultados dos alunos. Professores devem avaliar seus alunos e se auto-avaliarem ao mesmo tempo em que os alunos devem avaliar seus professores e também se auto-avaliarem, ou seja, havendo essa reciprocidade no momento de avaliar a obtenção de dados será relevante para uma avaliação ancorada numa aprendizagem mais significativa e de qualidade.

A auto-avaliação desempenha importante papel, tanto para o professor quanto para o aluno, pois ambos podem refletir sobre sua ação, os resultados servem de fatores motivacionais – os professores podem comprovar os efeitos de suas atividades compartilhando as vitórias e sucessos dos alunos, ao mesmo tempo em que estariam analisando as dificuldades e identificar necessidades de mudanças na forma de atuar, nas relações e na postura pedagógica, é o exercício da práxis cotidiana “ação – reflexão – ação”, assim o professor age para obter informações pertinentes à prática que possibilitem a eficácia da sua ação.

Chega-se em suma, portanto, que a avaliação é fundamental em todos os sentidos, pois muitos dos atos que executamos cotidianamente envolvem diferentes tipos de avaliação que, em geral, tem como objetivo a qualificação da execução das ações. No tocante a avaliação escolar, geralmente nós educadores, fomos formados em uma cultura classificatória o que faz com que ainda se repita em sala de aula o que se viveu enquanto aluno e por isso a avaliação acaba sendo instrumento de controle social produzindo a seletividade e a exclusão. Podemos sanar ou pelo menos minimizar essa visão a medida que compreendemos as concepções do processo

pedagógico, do desenvolvimento da aprendizagem e principalmente repensarmos sobre a postura ética e a responsabilidade que devemos assumir com o avaliar, o ensinar e o aprender.

É nessa perspectiva que estão sendo realizados vários Programas de Avaliação (Prova Brasil, entre outras, por exemplo) que visam diagnosticar para acompanhar a qualidade tanto das aprendizagens quanto da formação social. Os resultados obtidos por esses programas realizados nas redes de ensino focalizando tanto a gestão dos sistemas educacionais, as escolas em geral e também alunos, só vem a fortalecer que a avaliação deve acontecer e é imprescindível para buscar a melhoria da qualidade da educação.

IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E DA ELABORAÇÃO DA MONOGRAFIA PARA A MINHA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Aprofundar-se sobre um tema tão discutido e polêmico como a “avaliação” permitiu-me desvelar novos conhecimentos desmistificando idéias e conceitos arraigados.

A construção da monografia enfatizando a temática da avaliação proporcionou um aprofundamento teórico onde passei a refletir sobre a avaliação escolar percebendo que esse estudo me permitia dar contribuições as escolas do meu município, em especial a Escola Enoque Mendonça de Sousa onde leciono para que esse conhecimento hoje adquirido pudesse ser socializado com os demais colegas que como eu atuam na educação, refletindo no desenvolvimento da nossa prática e sonhando com uma educação de qualidade e com escolas que estejam comprometidas em disseminar aprendizagens significativas, que possam formar cidadãos capazes de interferir criticamente na realidade para transformá-la.

Foi realizado o Estágio Supervisionado e construído esta monografia que percebi a importância de o professor está sempre refletindo sobre as responsabilidades que envolvem o exercício da docência. Ser dinâmico, tolerante, amoroso e emocionalmente equilibrado é fundamental para não se tornar autoritário e nem perder a autoridade diante de seus alunos. Hoje, acredito que uma educação de qualidade é possível se, baseada numa relação de respeito e dialogicidade entre os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

É por está convencida sobre tudo que foi dito que assino.



Verilene Gomes Braga

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Júlio Groppa. **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo – Summus, 1997.

CAVÉQUIA, Márcia Paganini. **A escola é nossa**. São Paulo: Scipione, 2001.

DEMO, Pedro. **A avaliação qualitativa**. 25ª ed. – São Paulo: Cortez, 1987.

FERRARI, Márcio. **O objetivo da avaliação é intervir para melhorar**. NOVA ESCOLA. Fundação Vitor Civita. Editora Abril, São Paulo, ano XXI nº 191, abril 2006.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso & SENA, Maria da Graça de Castro. **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização**. 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 2ª ed. São Paulo: Alínea, 2001.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1993.

_____. **Avaliação: mito e desafio**. 17ª ed. Porto Alegre– RS: Ed. Educação e realidade, 1991.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional / LDBEN Lei nº 9394/96.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de & VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MELCHIOR, Maria Celina. **O sucesso escolar através da avaliação e da recuperação**. Porto Alegre: Premier, 2001.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

SOUSA, Clarilza Prado de. *et al.* **Avaliação do rendimento escolar**. 3ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança por uma práxis transformadora**. 5ª ed. São Paulo: Libertad, 2003.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

Questionário

- 1º) Que instrumentos são utilizados para avaliar? Será que estes instrumentos causam um entrave à aprendizagem do aluno?
- 2º) Sabendo que o momento de avaliar é sem dúvida muito complexo, como avaliar o aluno quanto ao processo ensino-aprendizagem?
- 3º) Geralmente o que é avaliado são os erros ou os acertos? Comente.
- 4º) A avaliação é usada como subsídio ou só se avalia para seguir o sistema educacional?
- 5º) É realmente uma preocupação mudar a forma de avaliar?

Ensinar exige curiosidade

Um pouco mais sobre a curiosidade

Adaptado

Se há uma prática exemplar como negação da experiência formadora é a que dificulta ou inibe a curiosidade do educando e, em conseqüência, a do educador. O educador que se entrega a procedimentos autoritários que dificultam o exercício da curiosidade do educando, termina por igualmente tolher a sua própria curiosidade.

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo* nem *ensino*. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e conseqüentemente tenho o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade.

Com a curiosidade *domesticada* posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. A construção ou a produção do conhecimento implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de "tomar distância" do objeto, observá-lo, delimitá-lo, cindí-lo, ou fazer sua *aproximação* metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar.

A curiosidade ganha espaço na sala de aula, quando a pergunta formulada pelo aluno é estimulada pelo professor. Isto não significa realmente que devamos reduzir a atividade docente em nome da defesa da curiosidade necessária, no simples, vai-e-vem de perguntas e respostas, que burocraticamente se esterilizam. A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos é *dialógica*, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam *epistemologicamente curiosos*.

Nesse sentido, o bom professor é o que consegue enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma "cantiga de ninar". Seus alunos *cansam*, não *dormem*. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache "repousado" no *saber* de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que faz perguntar, conhecer, atuar, reconhecer.

O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser.

Para que a curiosidade do educando passe de espontânea à epistemológica, nós educadores precisamos refletir mais sobre como tratar os conteúdos programáticos de forma mais dialógica e menos autoritária junto aos nossos alunos.

.....

Texto extraído e adaptado do livro Pedagogia da Autonomia
Saberes necessários à prática educativa
Paulo Freire
Ed. Paz e Terra

ÉIS A VISÃO DE UMA ESCOLA DO NOVO MILÊNIO

Educar é ensinar a pensar... pensar
que toda mudança começa a acontecer
de dentro para fora.

O mundo moderno nos tirou o sossego e diluiu os limites divisórios do mundo humano. O homem tornou-se cidadão universal: o lar passou a ser a sociedade; a sala de aula passou a ser a metrópole e os mestres dos nossos filhos passam a ser os anúncios da rua, as vozes radiofônicas, as imagens da televisão, a navegação pela Internet, as manchetes dos jornais, as novelas avançadas, os tempos das canções e a moda dos ídolos. No dia a dia nossa mente é bombardeada por tantas informações que, por vezes, ficamos solitários no meio de uma multidão, sem um rumo a seguir ou "emperrados na encruzilhada" da indecisão. Diante de tudo isso, é preciso parar. Parar para pensar, pensar que toda mudança começa a acontecer de dentro para fora.

Podemos ficar convictos de que o século que se avizinha será igual ou pior ao que vivemos, se ficarmos esperando que as coisas aconteçam. Temos que fazer acontecer, se quisermos viver as transformações. Ser transformadores, não transformados e transtornados!

Nenhuma mudança significativa e de qualidade acontecerá, se não passar pelos caminhos da educação. A própria história é a maior testemunha. Por isso, temos que parar e pensar. Pensar que "Educar é ensinar a pensar." E não existe outra alternativa. Nossa mente já está "poluída" por milhares de informações, afirmações e conceitos travestidos de valores verdadeiros. A beleza de como são repassados, nos empolgam e envolvem, por vezes pensando que é a verdade absoluta.

E para que a geração do século XXI possa ter seu rumo definido e visão clara da realidade que cerca, precisamos, a partir da escola, dar os passos concretos para melhor ensinar a pensar, desenvolvendo o senso crítico e resgatando os valores que os tornam cidadãos competentes e adequados ao seu meio. Precisamos, sim, preparar o cidadão de corpo, de mente e de espírito. Temos que formar ncles os bons hábitos, os bons costumes o cultivo de valores.

O que precisamos é de coragem, de diálogo, de firmeza, de conhecimento para bem orientar e bem informar. Precisamos abrir espaços para o diálogo, compreender a linguagem vigente para, a partir daí fazer-nos entender. Se pretendemos fazer valer a educação, a escola deverá ser, não um reduto de cultura transformado pela sociedade, mas sim, um espaço aberto e atuante capaz de se posicionar como um agente transformador da sociedade. Só assim, poderemos vislumbrar um novo tempo, purificado pelo senso crítico e pelo discernimento.

É preciso que, escola e família se transformem em parceiros da educação, entendendo que a educação vai muito mais além do repasse de conteúdos e aprovações numa vestibular. Educar é preparar para a vida e para os desafios que ela apresenta, buscando a realização pessoal. E para que ela aconteça, deve iniciar no lar, continuar na escola, seguindo uma linha de ação que se identifique e os leve rumo à abertura dos horizontes onde se deliciam os valores da cidadania. Esta é a visão de uma escola do novo milênio, que deve começar agora, com a sua imprescindível participação.



FOTO 1



FOTO 2